

abril 1998
ano 3
edição meses letivos

Arquitetura e terceira idade FAU PUC-Campinas expõe na Câmara Municipal de S. Paulo Maria Lucia Refinetti Martins pet@acad.puccamp.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Affonso Orciuolo *Espanha*
Cristina Mehrrens *EUA*
Eduardo Aquino *Canadá*
Marcos Tognon *Itália*
M. Pilar P. Pineyro *Uruguai*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Dzioli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores
André Kaplan
André Zopollatto
Daniel Carnelossi
Flávio Arancibia Coddou
Flávio Laurini
Priscila Vieira Davini
Tatiana Alarcon

Faupuccamp
Diretor
Wilson Ribeiro dos Santos Jr
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático
Campus I
Rod D. Pedro I - Km 136
13089-500 Campinas SP
Brasil
fone 55-019-754.7156
fax 55-019-255.6376
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

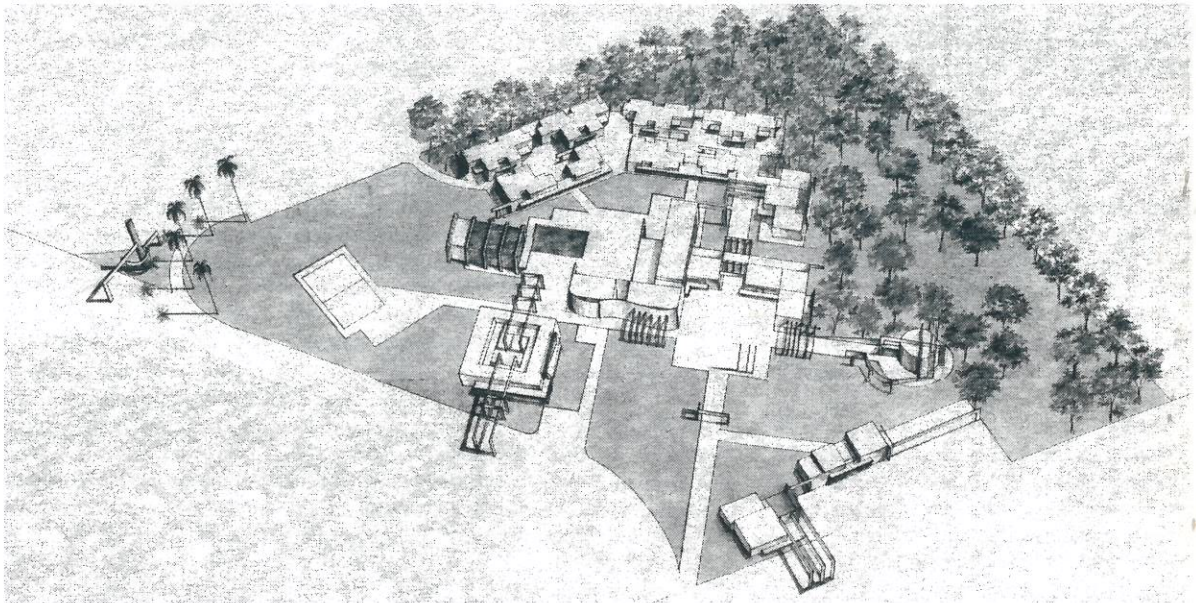
Faupuccamp na Internet
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural
Apple do Brasil
Daigital Kodak



DAIDIGITAL

IMPRESSO



Centro de Convivência para Terceira Idade. Arquiteta Larissa Regina de Campos Bresciani, ex-aluna da Faupuccamp

Projetos de Centros de Convivência e Moradia para a terceira idade, desenvolvidos nas atividades do TGI-97 por alunos da FAU PUC-Campinas graduados no final do ano passado, estarão expostos no saguão da Câmara Municipal de São Paulo no período de 13 a 17 de abril, das 8:00 às 20:00 horas.

A exposição faz parte do debate sobre *Arquitetura e Terceira Idade*, atividade do "Seminário Qualidade de Vida para um Envelhecimento Saudável", organizado pelo "Guia da Terceira Idade" e pelo Vereador José Eduardo Cardozo. Reunindo-se mensalmente, desde 1996, o Seminário tem por objetivo debater temas de interesse da terceira idade e elaborar medidas e iniciativas para melhorar sua qualidade de vida. Conta com a participação de idosos da Grande São Paulo e arredores e especialistas em terceira idade, em áreas que vão da saúde a previdência social, direitos, instituições asilares, lazer, recolocação profissional. A partir de agora inclui também a Arquitetura e o Espaço Urbano.

O debate sobre o tema, a realizar-se no dia 13 às 14:00 horas no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo será coordenado pelo Vereador José Eduardo Cardozo, com os debatedores: Secretário Municipal de Habitação, Lair Krahenbuhl, Deputada Estadual Maria Lucia Prandi (autora de Projetos de Lei para terceira idade), Padre Marcio, da Pastoral da Moradia e Professor Arquiteto Araken Martinho, do Departamento de Projeto da FAU PUC-Campinas. Também estarão presentes os jovens arquitetos Carla Cubero, Carlos Eduardo Souza, Cássia M. S. Hernández, Graziela Constanzo, Larissa Regina de Campos Bresciani e Maria Raquel Liberatori, ex-alunos da FAU PUC-Campinas e autores dos projetos em exposição, que terão a oportunidade de discutir com os idosos e ouvir deles considerações críticas sobre as propostas. Por iniciativa dos professores do TGI (Trabalho de Graduação Interdisciplinar), Araken Martinho, João Eduardo Lima, Maria Beatriz Camargo Aranha, Mauricio Fridman, Sergio Rubens Fiuza e Vicente Guillermo Noriega, a FAU PUC-Campinas estará neste ano de 1998, pelo terceiro ano consecutivo, dedicando-se à pesquisa e à produção de arquitetura para a terceira idade.

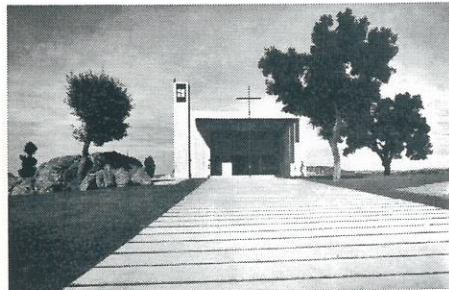
Esse grupo etário, que tem necessidades específicas, até hoje pouco tratadas pela arquitetura e pelo urbanismo, é o que mais vem crescendo atualmente no Brasil, em consequência do aumento da longevidade e redução das taxas de natalidade. O grupo PET - Programa Especial de Treinamento da Capes -, que desenvolve esse ano o tema "Cidade Saudável" incluiu o envelhecimento saudável em sua pauta, participando da organização da exposição.

Maria Lucia Refinetti Martins é professora do Departamento de Planejamento e Coordenadora do Grupo PET da FAU PUC-Campinas

Exposição e debate "Arquitetura e Terceira Idade"
Exposição de projetos de alunos do TGI da FAU PUC-Campinas no Saguão da Câmara Municipal de São Paulo. De 13 a 17 de abril, das 8h às 20h.
Debate com José Eduardo Cardozo (coord), Lair Krahenbuhl, Maria Lucia Prandi, Padre Marcio e Araken Martinho. Salão Nobre da Câmara Municipal 13 de abril, às 14h,
Câmara Municipal de São Paulo, Viaduto Jacarei 100, São Paulo SP. Fone 011 31.15.13.55.

CAD - FAU
PUC-CAMPINAS

Modernos do Porto Domingos Tavares, Portugal



Capela, Barragem de Picote no Alto Douro, Portugal

A mais genuína cultura brasileira sempre exerceu um grande fascínio sobre a inteligência portuguesa. Expressando, através da língua comum, um sentimento misto de tristeza crítica e encantamento pela invenção livre e imaginada de todas as formas de felicidade, aparece como uma espécie de fuga lírica para paraísos encantados. Não é assim o gênio português. Simples, linear e um pouco melancólico, enquadra a realidade como coisa necessária e limite da vida. De espírito aberto, recebe as idéias novas com interesse, às vezes com entusiasmo inconsciente, e envolve-se na especulação da mudança. Mas, no fundo, mantém ligação instintiva às coisas habituais, à sua vivência tradicional. E espanta-se com o lirismo onírico que chega das terras de Santa Cruz.

Quando o movimento moderno da arquitetura, fruto da nova sociedade industrial, varreu da Europa o historicismo decadente e se expandiu por todo o lado como processo de ocidentalização internacional, ninguém ficou indiferente, nem em Portugal, nem no Brasil.

E se, provavelmente, esta situação se repercutiu igualmente, mais ano menos ano, por entre as novas gerações de arquitetos de todo o mundo, com particular incidência na força de seu impacto nos países não europeus com sede de ocidentalização, impressionou particularmente a riqueza inventiva da corrente brasileira do movimento moderno. Os intelectuais americanos e europeus foram também, nesse momento, sensíveis à frescura poética das formas da moderna arquitetura do Brasil, tornando bandeira nos anos cinquenta depois da publicação em 1943, em New York, do livro de Goodwin, "Brazil Builds", que correu mundo. Os arquitetos do Porto saídos da Escola de Belas Artes por esses anos eram arquitetos modernos. Por formação, por convicção de escola e por dogma. Fieis à estrutura mental racionalista expressa no discurso escrito de Le Corbusier e nas lições conhecidas ou adivinhadas de Walter Gropius, não deixavam por isso de ser jovens, transportadores de uma forte cultura supra-arquitetônica. Cultura essa com valores intrínsecos nem sempre objetiváveis como são os do respeito pelos princípios genéricos das continuidades, no plano dos sentimentos, no plano das convicções sociais e, também, no plano da compreensão física do espaço a que poderíamos chamar "regional". Tem a ver com o sentimento de ligação à terra e à tradição das coisas

comuns, aos valores da paisagem que os emocionam e do homem que se funde com a paisagem. Então, a razão, a paisagem e a poesia, consubstanciam as três grandes linhas de força desta primeira geração autenticamente moderna saída da escola do Porto, no contexto da produção da nova linguagem arquitetônica a que genericamente se chamou, por toda a parte, movimento moderno. A razão liga-a, por orientação de escola, por estudo e por convicção expressa, ao discurso Bauhausiano e aos cinco princípios de Le Corbusier. A paisagem e a sua ligação à terra e às gentes da sua memória, é vício comportamental de quem se insere num corpo social com próprios. A poesia rompe as regras pelas paixões repentinas transportadas com as imagens de Pampulha, por exemplo, ou outras de F L Wright, Erich Mendelshon ou Arn Jacobson. Há uma experiência precisa, rigorosa e para além do mais grandiosa, que ficou oculta nas escarpas do Douro internacional, que necessita de ser revisitada como pretexto para reflexão sobre o significado de um momento preciso da arquitetura da escola do Porto.

Logo ali, no desenho das barragens e das instalações conexas, se torna evidente que cada decisão, como cada risco que prevê e informa a decisão arquitetando a transformação da paisagem, é mais do que uma decisão técnica unidirecional absoluta porque é também estética, testemunho da força da obra humana.

Os arquitetos do moderno escondido nas escarpas de Miranda do Douro e Mogadouro aprenderam na prática da sua atividade profissional, em confronto com a realidade do terreno, a superar as tendências de uma geração moderna radical. Enquanto equipe, embora rigorosa e determinada, prestou sempre grande atenção aos valores da relatividade da sua intervenção, da eficácia da resposta, da importância do sítio como coisa natural, da cultura como valor próprio, do contexto como programa complexo condicionador da proposta.

Voltamos aqui ao fascínio da experiência brasileira e das suas formas livres. A mim, particularmente, emociona-me todo o conjunto de Picote, desde as instalações técnicas da barragem, ao novo aldeamento com Igreja, Centro Comercial, Escola, Casas dos operários e engenheiros, Pousada, Tênis, Piscina, etc. Arquitetura geométrica, modulada, afirmativa, de forte presença visual. Mas sempre articulada com as linhas da paisagem, numa sabedoria de implantação atenta às formas naturais que parece diretamente herdada da tradição helenística, como se fazia na construção de cidades como o Porto. E um sublinhado, uma variação, uma pendente, uma curva subtil, um ritmo intenso que aqui e acolá nos colocam na nostalgia da espontaneidade brasileira. Dando expressão ao que é verdadeiramente genuíno na cultura portuguesa.

Texto do livro "Moderno Escondido", Michele Cannatà e Fátima Fernandes [org.], FAU Porto. Rua do Gólgota, 215.4150, Porto, Portugal, 1997, 222 p, capa dura, colorido. ISBN 972-9483-28-0. A versão integral deste artigo pode ser encontrada em nosso site na Internet. Surpreendentemente bonito e bem editado, é um livro recomendado pela Óculum para a biblioteca do leitor.

Observação sobre a educação de arquitetos

Daniel Libeskind, Alemanha



Museu Judeu de Berlim, Arq Daniel Libeskind

Escolas não existem apenas para produzir um tipo de gente necessária à sociedade. Elas pretendem educar indivíduos no trabalho de arquitetura e planejamento para que assumam uma responsabilidade que é, obviamente, prática, ética e política. Estudantes deveriam ter uma oportunidade de questionar e responder de uma maneira contemporânea às mudanças observadas na sociedade. Uma escola deveria refletir as transformações globais da tecnologia, educação e pensamento, e não manter uma atitude provinciana, dedicando-se somente a assuntos locais. Deveria acordar do próprio sono. A maioria das escolas não parece tão alerta quanto as pessoas que lá estão. O discurso é o mesmo que o dos anos cinquenta ou sessenta. Existe um pequeno grupo em todas as escolas que gostaria de impor ideais de homogeneidade, tipologia ou estilo, promovendo uma idéia de eterno em arquitetura. Mas um ideal de eternidade já nasce morto. Este tipo de teoria paralisada, implicando na aceitação cega de certas regras e regulamentos, não pode mais orientar a educação. Conhecemos tal atitude na experiência modernista totalitária e em todos os 'ismos' já ultrapassados. Esta atitude é muito retrógrada, pois faz lembrar um tempo em que não se era permitido questionar ou desafiar o mito do poder. Kim il Sung já morreu. Essa geração está desaparecendo e espero que não seja substituída por uma outra geração de dogmas, mas por uma aberta a novas idéias. Gostaria de recomendar aos estudantes de arquitetura que fiquem atentos ao que acontece no mundo e que viagem e observem diferentes culturas na Ásia, África e América do Sul, e não somente na Europa e América do Norte. É importante aos estudantes de exprimirem algumas das questões fundamentais sobre a existência da arquitetura no século 21 e acordar deste sono no qual a arquitetura caiu no século 18. Estudantes têm um papel enorme neste processo. Eles não somente reagem mas são também criadores de uma consciência. Sempre desafiaram posições dominantes e constituem fatores catalisadores no processo de transformação do conhecimento. Já é tempo dos estudantes lembrarem que escolas foram feitas para desafiar a sabedoria do mundo e a sua corrupção, ao invés de suportá-la.

Daniel Libeskind é professor na Universidade da Califórnia e tem estúdio em Berlim e Los Angeles. Texto publicado em *Educating Architects*, Martin Pearce e Maggie Toy (org.), Academy Editions, 1995. Edição e tradução de Eduardo Aquino.

Çok güzel: o banho Çemberlitas de Mimar Sinan

Eduardo Aquino, Canadá
eaquino@compuserve.com



Banho Çemberlitas em Istambul, Turquia. Arq Mimar Sinan

Um deslocamento temporário, como se lá não estivesse. Em contraste, a lucidez, a precisão de um lugar. Tais foram as impressões da minha visita ao banho turco Çemberlitas em Istambul, no bairro histórico de Sultanahmet. Ao ir ao hamam (lê-se *ramam*) confrontei-me com uma outra dimensão da cultura islâmica. O banho significa a limpeza ritual do corpo, e também da alma, o que explica a presença comum de hamams em toda conglomeração urbana do mundo islâmico. Acabei indo a este hamam por recomendação de Kemal Çarcigoz, o gentil anfitrião do meu hotel, e também pela sua localização, quase ao lado da hospedaria. Então, quase por acidente, fui introduzido ao trabalho do arquiteto da renascença islâmica Mimar Sinan (ca. 1490- 1588), autor do hamam Çemberlitas. Istambul é como se fosse formada de ruas Gerais Carneiros, e esse comércio impetuoso, tão ligado à sua estratégica posição geográfica – um porto de parada de mercadores entre a Ásia e a Europa – cria uma atmosfera deliciosíssima. Era começo de noite, a correria rotineira instaurada, e depois de um outro dia cheio de descobertas, a única coisa que seria capaz de fazer, antes que as minhas pernas se desembrassem do meu torso, era ir relaxar. Logo quando cheguei fui recebido por um dos tellâks (massagistas), que, com a simpatia turca de sempre, passou-me a chave do meu camekân, um cubículo aonde se deixa os pertences, com uma caminha ao lado para relaxar. Desnudei-me colocando o pestamal na cintura. Depois de vestir um par de takunyas (tamancos de madeira) me desloquei até o hararet, o salão central do hamam, aonde o ritual do banho se sucede. No centro do harareto, deitei numa grande plataforma de mármore circular (goöbek tasi), aquecida por um forno subterrâneo que produz o vapor. O seu conforto acentuado está na textura aveludada do mármore, e mais ainda na sua convexidade mínima, fazendo desta superfície de oito metros de diâmetro bojudá. Com surpresa notei que era talvez o único estrangeiro do hamam (na Turquia passo por árabe ou egípcio), o que tornou a experiência mais aguda. Os turcos deitam no goöbek tasi cara a cara, formando uma margarida no centro e se metem a conversar. Passados alguns minutos, quase desmaiado, senti-me de repente num outro tempo. Os sons, o ambiente, a moleza, tudo colaborou para este deslocamento perceptivo único. O hararet é formado por doze pequenos vestibulos

circundando o goöbek tasi, com duas pias cada (kurnas), usadas na lavagem individual. O hamam é formado por duas estruturas idênticas, dividindo assim os grupos de banhistas por sexo. O saguão de entrada antecede a grande cúpula que cobre o hararet. A diferenciação tipológica destes dois espaços acentua o caráter simbólico do ritual. O vestibulo marca o caráter social. E a cúpula, além de abrigo, convida também à retirada da realidade tangível para um estado entorpecedor, aludindo assim ao espaço reverente das mesquitas. Quando se olha para a cúpula, deitado no fervente goöbek tasi, ela se parece mais uma extensão para o espaço exterior. Tal sensação é enfatizada pela precisa localização de 151 blocos de vidro, que, durante a noite criam uma forte presença gráfica, e durante o dia deixam a luz entrar com delicadeza. Quando imaginei estar no clímax da experiência, foi aí que veio o tellâk com a sua massagem. Não é bem massagem, é esfregação mesmo. Neste método de relaxamento e limpeza medieval primeiro se aplica uma espuma pelo corpo todo, e depois esfrega-se a pele com o kese, uma luva abrasiva, removendo várias camadas de pele morta. É impressionante a quantidade de coisa que sai do corpo, fazendo do ato da purificação um gesto simbólico, mas também um atributo prático. A coesão do espaço com o evento é bem especial. Há quase quinhentos anos o mesmo ritual é realizado diariamente, intocável, fazendo desta imutabilidade a sua raison d'être. O sentido do evento traduzido na disposição sofisticada de cada elemento dita o deslocamento sensorial: a luz, o vapor, a materialidade, as porporções, o fator dramático, os sons, as texturas, os movimentos, a religiosidade implícita, formando, numa cumplicidade completa, a sensação única deste encontro estimulante. Mimar Sinan foi reconhecido como o maior arquiteto da renascença islâmica pela compreensão astuta da sua própria cultura, traduzindo-a em toda sua complexidade. O que permitiu a sofisticação do seu gesto criador foi o período de riqueza no qual serviu ao sultanato otomano, primeiro como engenheiro militar, e depois como arquiteto da corte do sultão Süleyman, o Magnífico. A mesquita de Edirne, considerada a sua maior obra, a mesquita Süleymaniye Camii e a pedra sepulcral que projetou para si mesmo, ambos em Istambul, são exemplos marcantes do seu trabalho. Encontrar uma obra que reconheceu o seu tempo, traduzindo-o de maneira tão visionária, é sempre uma experiência significativa. Quando tal expressão vence o tempo, e se institui permanente pela própria qualidade da sua existência, da sua história, é aí que se identifica um ideal moderno. Não o moderno representativo, naquilo que se expressa visualmente, mas o moderno no gesto, no discernimento, na própria atitude de reconhecer, de antemão, o atemporal. O hamam Çemberlitas de Mimar Sinan provoca, antes de tudo, esta defasagem espacial, uma dádiva que se traduz não só na sua expressão material, mas também no evento: a sábia beleza de um homem lavando o outro.

Nova cidade velha de Montevideo Visões integradoras

Maria Pilar Perez Piñeyro e
Hugo Gilmet, Uruguai
mapilar@chasque.apc.org



Centro da cidade de Montevideo, com baía ao fundo

A evolução do processo de recuperação implantado a partir dos anos 80 na Cidade Velha de Montevideo pode ser vista hoje como a origem de um pensamento de cidade que buscou promover e priorizar (pela primeira vez em nosso meio) a reflexão e o trabalho sobre as "presenças" patrimoniais e ambientais urbanas. A política usada na Cidade Velha se baseou em um pensamento urbano global, que lhe conferiu estruturação e sentido. Os resultados alentadores derivados das ações de controle e revitalização realizadas na Cidade Velha, impulsionaram a atuações similares em outras áreas de Montevideo, escolhidas por sua significação urbana, cultural, simbólica, paisagística e ambiental. A preocupação em evitar a deterioração de uma área de alto valor histórico deixa de ser mera atitude conservacionista para constituir-se em fator gerador de pensamento e de gestão da cidade. Na década de 90, a cidade é culturalmente reconhecida em suas diversas facetas. O desafio atual será superar a degradação urbana restituindo ao espaço público sua condição integradora. No princípio do século 20, a cidade resultante do período colonial e a da república posterior (séculos 18 e 19), que havia mantido a baía como seu epicentro, perde sua relação com a mesma, cedendo o lugar para a cultura da "cidade das praias", iniciando um processo de expansão e concentração de serviços na sua costa leste, o que gerará a segregação social na cidade. O projeto e a reciclagem pioneira em habitações de uma antiga fábrica de cerveja em Aguada, um antigo bairro lindeiro à baía (arq Nelson Inda e outros) iniciado no começo da década atual; os planos estatais e municipais para a área (Plano Montevideo); os projetos de recuperação de um dos riachos que desaguam na baía (rio Miguelete) e a realização do Seminário Montevideo (com convidados internacionais) em março de 1998, organizado pela Faculdade de Arquitetura e pela Prefeitura Municipal de Montevideo, realizando work-shops que durante 15 dias elaboraram projetos para restabelecer o vínculo da baía com o epicentro urbano: são fatos que evidenciam ações e intenções firmes de restabelecer o equilíbrio urbano por parte de políticos, arquitetos, acadêmicos e gestores urbanos. Desde então, para a "Nova" Cidade Velha – encravada sobre a península que define conjuntamente com o Cerro o perfil da baía – se propõem visões integradoras.

A Cappella dei Pazzi é de Brunelleschi?

Valentina Moimas, França
oculum@imagnet.fr



Dois recentes artigos de Marvin Trachtenberg contestam a atribuição da Cappella dei Pazzi, em Florença, a Brunelleschi. Passado o primeiro momento de surpresa e a sensação de que alguém está demolindo um dos pilares da história da arquitetura, ou ao menos da maneira como esta vem sendo ensinada, a leitura dos artigos se revela muito interessante. O autor², além de sustentar que a obra prima brunelleschiana tem uma outra paternidade, fala de um mal entendido muito mais vasto em torno desta obra, fruto da particular mitologia que se criou em torno da obra de Brunelleschi. Depois de uma minuciosa pesquisa de todas as fontes primárias relativas à construção do edifício e depois de ter demonstrado a ausência de qualquer prova direta da participação de Brunelleschi na mesma, Marvin Trachtenberg assinala que a Cappella dei Pazzi está ausente da lista de obras atribuídas ao mestre na biografia de Antonio di Tuccio Manetti. Esta biografia, escrita em torno aos anos 80 do quatrocento, é até hoje um testemunho confiável da obra do arquiteto, pois todas as atribuições ali citadas foram confirmadas pela historiografia moderna.

A atribuição da Cappella foi feita, segundo Trachtenberg, tendo como base uma apressada biografia de Brunelleschi dos anos 1490 e que será retomada por toda a literatura sucessiva. Esta biografia, porém, já demonstrou conter lacunas e erros o que a torna uma fonte não confiável. Segundo o histórico, se este elemento em si não pode constituir uma prova clara, ele permite de introduzir uma séria dúvida sobre a legítima paternidade.

A análise do monumento e a sua comparação com um outro edifício, a Sagrestia Vecchia di San Lorenzo (que serviu de modelo à Cappella e cuja autoria de Brunelleschi é indiscutível) permite – para além das semelhanças e confrontando detalhe por detalhe – demonstrar como a desatribuição



ção é legítima. Sem entrar aqui nos detalhes do confronto, a qual leitura se revela verdadeiramente instrutiva, nos limitamos a dizer que o autor desenvolve de maneira muito convincente a sua tese apoiando-se sobre contínuos confrontos estilísticos entre as duas obras.

No segundo artigo, depois de retomar as razões que justificam a desatribuição da paternidade do edifício, ele o atribui a Michelozzo di Bartolomeo. Partindo da análise dos motivos que levaram à edificação da Cappella, lançando um olhar à eclética produção michelozziana e concentrando-se enfim nos detalhes estilísticos, o autor evidencia os elementos que estão na base da sua reatribuição. Além da evidente surpresa que um trabalho deste gênero provoca, nos parece exemplar como na história da arquitetura restem ainda muitas zonas obscuras, mesmo sobre juízos que pareciam definitivos. Estes ensaios repropõem o problema de uma imagem mítica do Renascimento que surge agora como inadequada, pois freqüentemente esquece ou omite suas contradições constitutivas.

1 Revista Casabella, nº 635 (1996) e nº 642 (1997)

2 Trachtenberg anuncia a publicação de um livro sobre o argumento

Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Celebração do cinquentenário da UIA

Acontecerá no dia 05jun98, com preparação do programa festivo a cargo do Instituto de Arquitetos da Suíça. Dentre os conferencistas convidados, destacam-se Richard Rogers, Jaime Lerner, Pierre Vago, Mario Botta, Charles Correa, Frank Gehry, Rem Koolhaas, Fumihiko Maki, Rafael Moneo, Renzo Piano. [Arq Miguel Pereira]

II Simpósio Internacional de Sintaxe Espacial

De 29mar a 2abr99, em Brasília, Brasil, organizado pela FAU UnB e co-patrocinado pelo Space Syntax Laboratory da University College London. Info Brasil: fon + 55 61 273 1254, fax + 55 61 273 2070; fredhol@guarany.cpd.unb.br; http://www.spacesyntax.com. Info Reino Unido: fon 44 (0) 171 813 4364, 44 (0) 171 504 5914; fax 44 (0) 171 916 1887; mark.major@ucl.ac.uk; http://doric.bart.ucl.ac.uk/web/spacesyntax

Complete sua biblioteca de arquitetura

Importantes títulos recém lançados importantes para o estudioso da arquitetura brasileira:

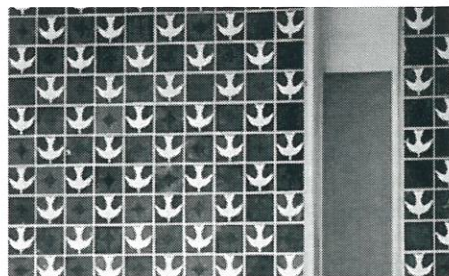
1. "Dicionário ilustrado de arquitetura" volume 1, A a I, Cecília M. Lima e Maria P. Albernaz. ProEditores, S Paulo, 1998, 316 p. R\$ 35.
2. "Arquitetura, texto e contexto. O discurso de Oscar Niemeyer", Miguel Pereira. Editora UnB, Brasília, 1997, 200 p. R\$ 20.
3. "Vilanova Artigas", Marcelo C. Ferraz e Rosa Artigas (org). Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Fund Vilanova Artigas, S Paulo, 1997, 216 p. R\$ 70.
4. "Oswaldo Arthur Bratke", Hugo Segawa e G. M. Dourado. ProEditores, S Paulo, 1997, 324 p. R\$ 50.
5. "Racionalismo e Proto-Modernismo na obra de Victor Dubugras", de Nestor Goulart Reis. Fundação Bienal, São Paulo, 1997, 216 p. R\$ 40.

Prêmio Prestes Maia de urbanismo

Organizado pela Sempla, com inscrições até 27mai e entrega de trabalhos até 15jul (16h). Inscrições: Al Joaquim Eugênio de Lima 447, 9º and (Protocolo). Info: 011 269.4850.

Museu Virtual Athos Bulcão

A obra de um dos mais importantes artistas plásticos do modernismo brasileiro pode ser conhecida no excelente site da Fundação Athos Bulcão. <http://www.rudah.com.br/museuathos/>



Azulejos, revestimento externo, 1958, Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer